

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

146 dias Sem Ela: a experiência de um jornalista desconectado da Internet

Rômulo Cabrera

Mestrando em Jornalismo pelo Centro Universitário: FIAM-FAAM - Centro Universitário

medeiros.romulo@terra.com.br

Resumo : A pesquisa aqui resumida consistiu na experiência do autor desconectado por 146 dias dos dispositivos virtuais para produzir um livro-reportagem narrando seus dias sem internet. Num mundo cada vez mais digitalizado e virtual, onde, em tese, é impossível viver fora da rede mundial de computadores, a proposta vivencial demonstrou que é possível permanecer alheio ao mundo virtual, mas tal atitude, cada vez menos possível, dificulta a realização das tarefas cotidianas comuns e prejudica a sociabilidade.

Palavras-chave: jornalismo de imersão, livro-reportagem, internet

Introdução

Infiltrar-se em um ambiente, comunidade ou situação durante certo tempo a fim de experimentar na própria pele as vivências que serão narradas é uma modalidade de reportagem jornalística que, enquanto método de investigação, procura compreender a realidade por meio das percepções diretas do repórter (HIDALGO e BARRERO, 2013), algumas vezes sem revelar sua identidade profissional, procedimento que foi praticado, definido e nomeado diversas vezes no último século, e que nesta pesquisa figura como “jornalismo de imersão”. A imersão levaria o jornalista a melhor viver a realidade e potencializaria seu trabalho porque estar dentro do fato, em tese, revela mais.

Durante toda a pesquisa, tanto na fase teórica quanto na empírica, nossa principal pergunta era sobre a possibilidade ou não de viver alheio às redes virtuais. O produto gerado, um livro-reportagem, relatou 146 dias durante os quais este autor conseguiu permanecer desconectado. Por meio desta imersão, buscamos compreender os efeitos que a ausência, mesmo que momentânea, dessas tecnologias causaria no usuário.

Metodologia

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

Residindo em Suzano, na Região Metropolitana de São Paulo, e concluindo a graduação na capital paulista, a metodologia consistiu especificamente em não usar internet, celulares, videogames, caixas e cartões eletrônicos durante o último semestre de 2015, correspondente aos últimos meses do curso de Jornalismo, no qual se realiza o Trabalho de Conclusão de Curso (CABRERA, 2015).

Queríamos discutir a internet, bem como outras tecnologias de conexão em rede e seus reflexos nas relações humanas na contemporaneidade, ficando fora dela, ou seja, a imersão consistiu, de fato, numa desconexão do virtual e, conseqüentemente, numa imersão bem mais ampla no dito mundo real, com posterior relato em forma de livro-reportagem. Este, por sua vez, oferece espaço para um relato mais extenso e aprofundado da realidade (LIMA, 2009), com grande capacidade de acolher uma pluralidade de narrativas, linguagens e vozes; algo que dificilmente seria possível na imprensa cotidiana.

A pesquisa incluiu entrevistas e leitura de bibliografia específica sobre o tema, enquanto na fase empírica as experiências diárias do autor acabaram sendo também fundamentais enquanto fomentadoras críticas dos próprios métodos e resultados teóricos. Por se tratar de um relato pessoal sobre o período desconectado da internet, decidimos seguir a rotina cotidiana e extrair disso material para a pesquisa. Isso nos levou, por exemplo, à Avenida Paulista para um experimento em que este pesquisador se colocou no meio da calçada segurando uma placa com os dizeres “estou sem internet e celular, preciso conversar, quer TC comigo?” Ausente das redes sociais virtuais, na rua buscávamos a quem ouvir e com quem compartilhar.

A abertura para experimentações teve base teórica construída na fase preliminar dos procedimentos metodológicos, especificamente na pesquisa bibliográfica, que resulta do diálogo com e entre filósofos como Nietzsche (2013) e Descartes (1983). Este erigiu as bases da ciência moderna, enquanto o filósofo alemão realizou uma de suas mais contundentes críticas. Ler esses dois autores nos preparou tanto para os aspectos ortodoxos, quanto para os heterodoxos da pesquisa científica.

Como a tecnologia envolve a sociedade na qual este pesquisador mergulhou, recorreremos inevitavelmente a leituras de viés sociológico, em autores como Levy (1999) e Bauman (2001, 2008, 2009). Através do conceito de cibercultura do primeiro autor, e de modernidade líquida e os laços humanos do segundo, pudemos compreender melhor o ambiente virtual contemporâneo em suas relações com a vida real. Bauman (2009) alerta

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

sobre a troca de papéis entre o virtual e o não virtual. De acordo com o sociólogo, o virtual tornou-se “a” realidade nas relações humanas. Entretanto, ele não explica como se manter afastado das redes quando se está imerso nas grandes metrópoles, como São Paulo, nem discute como se compreender em uma sociedade que naturalizou as relações virtuais. Por isso mesmo, a práxis imersiva do pesquisador dialogava com o discurso teórico. As experiências diárias e sua imprevisibilidade, as conversas cotidianas e outras vivências enriqueceram o conceito de modernidade líquida de Bauman (2001), ou cibercultura de Levy (1999). Acreditamos que esses procedimentos metodológicos cruzados com as referências mencionadas contribuem com uma visão mais humanizada sobre algo que poderia ser reduzida a uma abstração e tecnicidade sem sentido.

Discussão ou resultados

Considerando o objetivo inicial da pesquisa – relatar a experiência do pesquisador sem internet – pensamos que o principal resultado é poder olhar as relações virtuais em rede de forma matizada. Através da experiência de desconexão, concluímos que, ao contrário de uma visão apocalíptica ou deslumbrada, ficar fora do mundo virtual não é sempre vantajoso, apesar dos ganhos de tempo, produtividade e foco nas atividades. Talvez seja impossível ficar totalmente desconectado, sobretudo numa metrópole como São Paulo, pois, por mais que o pesquisador se esquive da virtualidade e das conexões em rede, o mundo ao redor é constituído por elas.

Sobre o local da experiência, percebemos também que ela muda dependendo de onde ocorre. O impacto da ausência é maior nas grandes cidades, e percebemos isto indo até o litoral como parte do processo investigativo. Em locais onde o mundo virtual tem pouca força, a experiência de desconexão é menos radical.

Independente do local, contudo, a desconexão plena das redes se mostrou algo inatingível.

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

Conclusão

Para adentrar na realidade cotidiana, tivemos que sair da realidade virtual, se afastar do que era comum para que pudéssemos entender os efeitos das tecnologias de conexão na contemporaneidade. Por meio da imersão, almejamos ao menos ter matizado opiniões radicais sobre tecnologias, sempre pendendo para o bem ou para o mal, postura muitas vezes endossada pela própria imprensa. Esta modalidade de investigação jornalística possibilitou uma discussão acerca de um assunto que transcende o objetivismo convencional da imprensa, gerando uma narrativa humanizada e facilitadora da compreensão e do diálogo através do livro-reportagem.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Zygmunt Bauman; tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Amor líquido**. Zygmunt Bauman; tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CABRERA, Rômulo. **146 dias sem Ela: a experiência de um jornalista desconectado da internet**. Edição do Autor: São Paulo, 2015.

DESCARTES, René. **Discurso do método**; introdução de Gilles-Gaston Granger; prefácio e notas de Gérard Lebrun; tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. — 3. Ed. — São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os pensadores)

HIDALGO, López; BARRERO, María Ángeles. **Periodismo de inmersión para desenmascarar la realidad**. Comunicación Social, Salamanca, 2013.

LÉVY, Pierry. **Cibercultura**. Pierry Lévy; tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura: 4ª edição**. Barueri, São Paulo. Editora Manole, 2009)

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**; tradução Carlos Duarte e Anna Duarte. São Paulo: Martin Claret, 2012.